

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA - DAP
CONSELHO NACIONAL DE PESQUISA - CNPq
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Matéria e ilusão: sociedade e literatura em Balzac e Marx

Bolsista: Michele Alves de Melo, CNPq.

MANAUS
2011

Matéria e ilusão: sociedade e literatura em Balzac e Marx

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
CONSELHO NACIONAL DE PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-H/0017/2010-2011

Matéria e ilusão: sociedade e literatura em Balzac e Marx

Bolsista: Michele Alves de Melo, CNPq.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Coelho de Paiva.

MANAUS
2011

Todos os direitos deste relatório são Reservados à Universidade Federal do Amazonas e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa é financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq, o qual, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, abriu portas para o desenvolvimento deste projeto.

Resumo

O projeto objetivou a leitura cruzada entre algumas obras de Balzac e alguns textos de Marx. Começou-se a compreender a vida e obra dos autores partindo-se do pressuposto de que há um diálogo estreito entre ambos. Buscou-se construir a base teórica para o desenvolvimento da pesquisa a partir da identificação dos pontos de diálogo e influência do autor francês sobre o analista alemão. Apesar de terem nascido em países distintos, os autores têm em seus respectivos contextos culturais semelhanças que os aproximam, posto que, naquele contexto histórico, a ordem mundial passava por mudanças que alcançaram a ambos. Dessa forma, dividiu-se a análise em três capítulos. O primeiro, além de possuir um caráter introdutório, faz uma apresentação de alguns autores que foram escolhidos para embasar a pesquisa. Analisa a obra *A pele de onagro*, de Balzac, e *A ideologia alemã* e o *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels. Depois de uma discussão e interpretação, notaram-se possíveis afinidades de conteúdo entre eles, como, por exemplo, a interpretação de ambos acerca da gênese das ideias em um ambiente de profundas alterações ocasionadas pela emergência da modernidade. O segundo capítulo analisa as obras *O 18 brumário de Luis Bonaparte*, de Karl Marx, e *Ilusões perdidas*, de Balzac. Nesse momento, a análise enredou-se pela contraposição entre as dimensões do ideal e do material. Por fim, no terceiro capítulo, são estudados os *Manuscritos econômico-filosóficos* – parte que discorre sobre o papel e as influências do dinheiro – e *O capital* – seção I, “Mercadoria e dinheiro” – de Marx. Além desses textos, também os romances *Eugénie Grandet* e *Ascensão e queda de César Birotteau*, de Honoré de Balzac, foram utilizados como fornecedores de elementos a serem cruzados com a análise proposta por Marx. Foi ressaltada, neste sentido, a superestimação do aspecto material em detrimento de valores morais e éticos dos indivíduos. Finalmente, depois de todas as interpretações percorridas sobre as obras que fundamentam a pesquisa, constatou-se que Karl Marx incorporou elementos centrais da concepção de sociedade contidas nas obras de Honoré de Balzac e que funcionaram como norteadores de seus trabalhos.

Palavras-chave: Balzac; Literatura; Marx; Teoria Sociológica

Sumário

1. Introdução.....	06
2. Fundamentação Teórica.....	09
3. Desenvolvimento	
Capítulo I.....	16
Capítulo II.....	24
Capítulo III.....	32
4. Conclusão.....	38
5. Cronograma das obras de Marx e Balzac.....	40
6. Referência Bibliográfica.....	41
7. Cronograma de Atividades.....	43

Introdução

A presente pesquisa visa apresentar e pontuar as possíveis conexões entre Marx e Balzac, uma vez que, ao nos depararmos com os trechos dos romances e obras, podemos perceber o diálogo entre os dois autores. Essa situação fica explícita na argumentação de analistas como Hauser (1994) que nos apresenta Balzac como um autor que introduziu o uso da abordagem materialista no âmbito da criação literária.

Nessa perspectiva, é fundamental ressaltar as principais características pessoais e literárias de Balzac e Marx, isto é, o contexto social que influenciou a produção de suas respectivas obras e como cada um interpretava a sociedade da época. O entendimento de quem são esses dois autores, objetos centrais para a execução desse projeto, elucida discussões sobre seus trabalhos e propicia certo embasamento para a afirmação de que há aproximações entre eles.

Honoré de Balzac formou-se em direito e Karl Marx também iniciou sua formação jurídica, mas desviou-se para a filosofia, onde se tornou doutor. Em seguida foi redator chefe de um jornal, a *Gazeta Renana*, constituiu família e passou por algumas dificuldades cotidianas, principalmente relacionadas à sua condição financeira. Do mesmo modo, Balzac protagonizou situações difíceis, teve uma morte dramática devido à sua rotina árdua e não pôde usufruir da vida conjugal que por anos almejou. Se analisadas atentamente suas biografias, percebem-se as semelhanças e podem-se sugerir motivos para Marx ter se apropriado das obras de Balzac em seus escritos.

François Tailandier (2006), ao escrever a biografia de Balzac, resalta com detalhes aspectos da vida do autor que em muito auxiliam na compreensão de como sua obra foi construída. Da mesma forma, Gianotti (2009) nos apresenta as teses de Marx como um conteúdo interdisciplinar, com uma pluralidade de conhecimentos que agregam maior valor quando comparado com a ideia inicial de que Karl Marx escrevia por uma ótica unilateral.

Atualmente existe uma dificuldade para se desenvolver trabalhos envolvendo as Ciências Sociais e a Literatura visto que ainda há entraves entre as duas áreas quanto ao potencial de explanar e discutir os dilemas sociais que ambas possuem. Cientistas sociais entendendo a literatura como algo menor dotado de instrumentos e meios de se fazer uma pesquisa, enquanto profissionais atrelados aos estudos literários entendem as Ciências Sociais como abordagem empobrecedora das obras literárias.

Esses posicionamentos equivocados, além de reduzirem as áreas de pesquisa, limitam a sua abrangência e relevância. A literatura pode converter-se em objeto de investigação das

ciências sociais, e o contrário se aplica de maneira equivalente visto que, segundo Auerbach (2000), a realidade é apresentada de uma determinada maneira por meio do uso da linguagem.

O conjunto de mudanças advindo com as revoluções ajudou o processo de autonomia da produção artística na medida em que proporcionou maior abertura no que refere à criatividade e originalidade, sem as barreiras sociais anteriormente existentes. Por exemplo, antes, para qualquer produção artística, era necessária a parceria entre vários artistas para se posicionar contra ou a favor de determinados grupos sociais. No entanto, o artista sagaz sabia lidar com as exigências e interferir sem ser impedido, mas, ao concluir sua obra, não obtinha permissão para expô-la. Isso ocorreu devido às preferências e gostos de agentes sociais legitimados e que ditavam se a obra de arte seria divulgada ou não, fato que muitos artistas tiveram que vivenciar em sua trajetória, como Balzac, que, apesar dos entraves sociais, obteve sucesso em seus projetos.

Marx, por seu turno, não ficou para trás. Como militante que era, e com aliados essenciais, soube também com mais êxito construir seus escritos. Gianotti (2009) relata que a obra de Marx nos é apresentada de uma forma homogênea, e que por detrás dela existe na realidade uma obra composta ao longo do tempo, cheia de fragmentos. Como exemplo desse aspecto, pode ser citado a obra máxima de Marx, *O capital*.

Além disso, Marx e Balzac estavam vivendo em um momento de transformação marcado pelo advento e consolidação do capitalismo e da formação da sociedade moderna, com os indivíduos profundamente envolvidos em arranjar meios para inserirem-se naquela nova configuração de mundo. Motivação essa que se tornaria em um grande problema, afetando a muitos e de várias maneiras, a ponto de quem não se mantivesse com uma postura racional mediante as novas situações, se encontraria num caminho definitivo e terminal, resultando em pobreza e até em suicídio para alguns.

Mesmo em meio a esse contexto, Balzac, que pretendia ascender à nobreza, relutava contra ela através de seus escritos. Bem como Marx, ainda que com objetivos antagônicos, seguindo sua militância, foi expulso de Paris e viveu na miséria em virtude de sua posição radical frente ao capitalismo em expansão.

Portanto, todas as concepções de Balzac acerca da nascente sociedade burguesa foram interpretadas por Marx e redirecionadas no sentido de se fazer uma crítica mais contundente. Por exemplo, a questão relacionada ao papel do dinheiro no âmbito da sociedade burguesa que Balzac pontua em um de seus escritos foi utilizada por Marx nos seus *Manuscritos econômico-filosóficos* quando ressalta o dinheiro como poder que vem com as novas relações sociais.

Tendo em vista o panorama apresentado, iniciaremos a análise a partir da obra literária de Balzac, com uma visão de um conjunto de autores que salienta a imagem de Balzac na sociedade hoje, e, simultaneamente, detalharemos as primeiras obras de ambos na medida em que os vínculos entre uma obra e outra possam ser estabelecidos.

Em síntese, ao fazermos uma viagem no tempo, podemos perceber através da história da humanidade mudanças sofridas na história da arte, onde se tem a concepção que, tal como os viajantes que ofereceram uma contribuição significativa à nossa história, temos também a arte que influenciou os primeiros momentos de representação social a partir da pintura e da literatura, expandindo os horizontes das relações sociais.

A emergência da modernidade fez com que, gradativamente, uma abordagem sociológica adquirisse certa autonomia frente às ciências naturais e frente à própria literatura. Embora a literatura não deva ser tomada como uma forma de se fazer sociologia, em muito ela contribuiu para as análises sociológicas que vieram a se consolidar a partir da transição para a modernidade. O projeto literário de Balzac comprova essa afirmativa por buscar inventariar os costumes da sociedade francesa do século XIX. Esse posicionamento de Balzac instigou Engels e Marx que, por sua vez, buscaram desenvolver seus projetos de modo a desvelar cientificamente os fundamentos da sociedade capitalista que estava emergindo com todas as mudanças ocorridas naquele momento, e que continuaria a modificar-se.

Ao citar as possíveis relações que o autor e criador do materialismo histórico-dialético obteve ao estabelecer contato com as obras de Balzac, deve-se ressaltar a importância que o autor da *Comédia humana* teve em sua época ao visar as novas relações sociais emergentes em seus romances. Balzac, na *Comédia humana*, pontuava as relações sociais e seus dramas, destacando situações que estavam sendo vividas naquele cenário em virtude da emergência do capitalismo. Para Marx essas relações seriam primordiais para identificar o próprio cerne do desenvolvimento da sociedade capitalista, bem como os seus possíveis desdobramentos.

Fundamentação Teórica

Antes de pontuar os escritos de autores que irão auxiliar no desenvolvimento da pesquisa, é importante ressaltar que a arte aparece no cotidiano do homem como uma ferramenta de exposição das representações que esse mesmo homem demonstra ao estar em contato com o outro. A arte é algo que surge com a permissão do homem para lhe mostrar o que está por trás de determinadas situações ou tramas, mesmo que tenha inserido em seu interior um pouco de ficção.

Essa dinâmica entre ficção e realidade é dotada de um estilo e ideias que nos fazem imergir no mundo que o artista quer nos apresentar por meio daquela arte representada, e que pode estar em um quadro, em um livro ou em fotos. Trazendo para a modernidade, podemos perceber a arte em vários aspectos e um deles é a fotografia, antes retratada através da pintura de quadros e hoje, com o avanço tecnológico, pode ter essas representações sociais expostas de vários modos, estilos e até dimensões.

Ao longo do tempo, se assiste a metamorfose da arte em diferentes referências. Essas mudanças ficaram mais explícitas quando ocorreram as revoluções que expandiram outro viés, ou seja, antes, no século XVII, era a sociedade de corte quem determinava a forma adequada de expressão artística, impondo o que deveria ser apresentado como arte. Juntamente com as mudanças da arte pictórica, por exemplo, veio também a arte literária, que foi recebida de maneira reprimida pelo fato de retratar não só ideais, mas também o cotidiano destas relações sociais, ou seja, as representações sociais que essas relações pautavam. Dentre as transformações, a arte ganha diferentes formas de expressão, das quais surgem também aquelas que estão alicerçadas nas representações da subjetividade do cotidiano social, onde é possível perceber, através da trama, as diferentes mazelas políticas, econômicas e sociais a que os indivíduos estão expostos. Nesse contexto, se destacam as reflexões de Hauser (1994) acerca da história social da arte, com a ênfase do autor para a produção de arte a partir da preocupação com as questões sociais.

Até o século XVIII, os autores tinham-se limitado a ser apenas os porta-vozes de seu público, cuidavam do espírito de leitores da mesma forma que os criados e os funcionários zelavam por seus bens materiais. Aceitavam e confirmavam os princípios morais e os critérios de gosto geralmente reconhecidos [...]. O escritor não conhecia o angustiante problema de ter de escolher entre diferentes possibilidades subjetivas, nem o problema moral de ter de optar entre diferentes camadas da sociedade. Somente a partir do século XVIII é que o público se divide em dois diferentes campos e a arte em duas tendências rivais. (cf. Hauser, 1994, p. 730-1)

Podemos observar que o artista, através das diferentes formas de expressar a sua arte, mergulhava na subjetividade das representações sociais e ao mesmo tempo movia-se neste “mundo” como um jogador num tabuleiro de xadrez, onde conhecer e ter uma relação íntima com o tabuleiro poderia projetá-lo socialmente, tanto positiva quanto negativamente, a depender da sua capacidade de manipular as regras do jogo.

É deste modo que as representações artísticas ganham outras conotações e, além da pintura no século XIX, passam a existir expressões artísticas no plano literário. Na visão de Hauser (1994), dentro do contexto francês, essa fase da arte literária é inaugurada pelos romances de Stendhal e Balzac quando retratam cenas do cotidiano da época. Estes receberam influências diretas do naturalismo.

[...] Os escritores do período convertem o romance naturalista num instrumento para sondar o homem e auscultar o mundo, adequando-o desse modo ao gosto e às necessidades de um público que odeiam e desprezam. (cf. Hauser, 1994, p. 730)

Honoré de Balzac é um autor que se destacou em sua época, segundo Hauser (1994), pelo fato de ter sido um escritor que pensava a realidade social a partir de uma perspectiva materialista; e essa perspectiva foi apresentada amplamente em *A comédia humana*, título de sua obra principal, contendo uma quantidade significativa de narrativas que explicitavam as transformações sociais ocorridas na sociedade francesa, ou seja, trata-se de um conjunto de histórias que foram divididas por Balzac em três partes: “Estudos de costumes”, “Estudos analíticos” e “Estudos filosóficos”. Esse panorama também forneceria subsídios para o modo de como a sociologia passou a adotar e consolidar seu modo de abordagem acerca dos fenômenos sociais.

Tal fato se confirma quando verificamos o prefácio de *A comédia humana* escrito pelo próprio Balzac e, então, instado por Hetzel (2006). De acordo com os comentários, Balzac teve alguma dificuldade ao escrever esse texto, mas nada que abalasse a estrutura de sua grande obra. Os comentários, na verdade, dariam um “sabor” àquilo que ele estava se propondo a fazer. *A comédia humana* surge a partir de um sonho, como algo que poderia ser impossível de se concretizar, e também veio de uma comparação entre a Humanidade e a Animalidade, pois Balzac já tinha acumulado muitas leituras de autores naturalistas que o instigavam a pensar sobre a relação entre esses dois reinos.

Genial observador do seu tempo, Balzac soube como ninguém captar o “espírito” do século XIX. A França, os franceses e a Europa no período entre a Revolução Francesa e a Restauração têm nele um pintor magnífico e preciso. Friedrich Engels, numa carta a Karl Marx, disse: “Aprendi mais em Balzac sobre sociedade francesa da primeira metade do século, inclusive nos seus pormenores econômicos (por exemplo, a redistribuição da propriedade

real e pessoal depois da revolução), do que em todos os livros dos historiadores, economistas e estatísticos da época, todos juntos”. (cf. Machado, 2006, p. 7- 8).

Na concepção de Jean-Marie Guyau (2009), é defendida a ideia da existência de um gênio quanto ao fazer artístico, onde o artista consegue, a partir da subjetividade, modificar algo já consolidado na sociedade existente. Seu desafio é apresentar o porquê das emoções fazerem parte dessa solidariedade social. Essas emoções vão mudando a todo o momento, não sendo possível relacioná-las com o contexto. O artista cria uma sociedade móvel e ideal. Sua característica de verdadeiro gênio está na precisão de penetrar na imaginação por intermédio da sensibilidade.

Guyau (2009) diz ainda que esse desdobramento e despersonalização que só o artista tem, acaba representando um perigo para esse gênio, pois em razão dessa flexibilidade, ele chega a ser comparado com um “louco”. O gênio é uma modificação acidental das faculdades e seus órgãos, em um sentido favorável à novidade; é a invenção das coisas novas. Deste modo, conclui-se que, para Guyau (2009), o caráter da sociabilidade da arte faz com que ela seja um objeto de estudo da sociologia.

[...] a arte é – por intermédio do sentimento – uma extensão da sociedade a todos os seres da natureza, e mesmo aos seres concebidos como acima da natureza ou, enfim, aos seres fictícios criados pela imaginação humana. A emoção artística é, portanto, essencialmente social. Ela tem como resultado ampliar a vida individual, fazendo com que ela se confunda com uma vida mais ampla e universal. *A finalidade mais elevada da arte é produzir uma emoção estética de um caráter social.* (cf. Guiay, 2009, p. 103-4) (grifos meus).

O artista expressa sua subjetividade por meio da materialização das ideias que transitam na vida cotidiana e, por intermédio dessa materialização, ele desperta a subjetividade do outro. Nesse sentido, o artista pode ser compreendido como aquele que, a partir do mundo das ideias, possui a capacidade de adentrar no mundo ideal e de exprimir as relações subjetivas que povoam esse mundo, trazendo para sociedade, de diferentes modos: a pintura, a literatura, a partitura, dentre outras.

Na concepção de Roger Bastide (1979), a genialidade é como algo que está para além da arte; a arte, por seu turno, pode ser um objeto a ser pesquisado pela sociologia uma vez que ela é fruto do homem, seja ele gênio ou não, onde ela acaba representando as angústias do homem perante as necessidades almejadas. A arte pode sim ser algo a ser estudado pela sociologia, pois, apesar de ela partir de uma subjetividade do artista, acaba por refletir sua objetividade na maioria das vezes.

A arte não só tem uma função social como também emprega para realizar meios sociais, isto é, “processos que se impõem a fantasia do artista [...]” os poetas e artistas superpõem e, em parte, substituem a nossa sensibilidade natural, inata, inculta, diferente em cada um de nós e essencialmente incomunicável, uma sensibilidade coletiva, semelhante para todos e, como tal, impressionável às vibrações do meio social, precisamente porque nasce dele. (cf. BASTIDE, 1979, p. 9)

A arte tem uma influência significativa na vida social dos indivíduos. O artista expõe aos seus legitimadores um ideal além de sua significância e entendimento simplório que a sociedade o faz viver. Ele reflete em sua obra um querer a mais que modifica a percepção de alguns que conseguem, como ele, entender e valorizar tal ideal de vida e necessidade. O fato é que o artista tentará sempre reinventar o seu mundo, e isso pode ser, para muitos, algo irreal e impossível para se relevar como objeto sociológico.

Apesar de existirem fatores que dão impossibilidade de se fazer uma análise sociológica, ainda assim, para Jean-Marie Guyau (2009) e Roger Bastide (1979), a estética é como se fosse uma dimensão expressiva da sociedade que, por sua vez, não tem uma fórmula específica para se abordar a sociologia da arte. Ou seja, cabe ao estudioso buscar as ferramentas que melhor lhe auxiliam na aproximação da arte como objeto de estudo para a sociologia. Nesse contexto, o artista surge como inovador, tomando para si a responsabilidade de expressar a sociedade por meio da arte. É a partir das expressões que o artista realiza acerca da sociedade que é possível se fazer uma análise sociológica.

Dentre as muitas formas de expressão da realidade social que as manifestações artísticas propiciam, podemos destacar, conforme Auerbach (2000), os estudos para a compreensão das transformações em diferentes contextos. Por exemplo, quando em um de seus textos Auerbach analisa o romance *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, ele mostra a relação entre ficção e realidade que o autor cria em seu romance, mostrando o afastamento do indivíduo do mundo no qual ele não se acha capaz de viver. Ou seja, quando ocorreram as várias mudanças com as revoluções, o artista percebeu que através de sua arte poderia criar algo que desse suporte a ele para enfrentar esse novo mundo; como exemplo, citamos o romance *Dom Quixote*, que apresenta um mundo de ilusão, com meios e momentos que direcionam o herói da trama ao engano em virtude de o mesmo não saber diferenciar o real da ficção. Através dos escritos dos artistas percebemos essas várias estratégias que são por eles criadas e utilizadas como armas para enfrentar e estar em contato com esse novo modo de relacionamento que a sociedade está apresentando e construindo.

Uns procuram se suicidar, outros se entregam à loucura, e ainda existem outros que criam novas formas para lhes auxiliarem na vida cotidiana. E isso tudo está inserido nessa

dinâmica social, cheia de artimanhas e labirintos que devem ser enfrentados com maior sensatez. Um dos grandes criadores dessas ferramentas de auxílio eram os artistas que usavam a imaginação para acrescentar novas perspectivas em suas criações, que expressassem aquilo que os indivíduos queriam, ou o que estavam vivendo e que precisava ser mostrado aos outros.

Procuramos nas nossas representações da vida quotidiana, nas quais ela seja mostrada seriamente, com os seus problemas humanos e sociais, ou até em seus enredos trágicos. [...] A nossa cena é realista; todas as personagens são apresentadas na sua realidade atual e na sua existência viva e quotidiana. (AUERBACH, 2000, p. 306)

Em meio ao processo de transformação histórico-social, o estudo da arte passa a ter outras conotações e, como consequência dessas transformações, surgem estudiosos que transportam a arte para um campo de estudo que desperta o interesse da ciência sociológica como instrumento de interpretação e compreensão da realidade social. Na contemporaneidade, os estudos estão voltados para interdisciplinaridade; por isso, a literatura é colocada para explicar uma determinada sociedade. De acordo com Luiz Costa Lima (2002), cabe ao pesquisador ter o cuidado, ao tomar a obra literária como instrumento de compreensão da sociedade, não como uma expressão fiel da mesma.

Essa questão de visualizar as relações sociais através da literatura é exposta no trabalho de Lukács (1965) quando aponta nas obras de Zola e Tolstói as distinções existentes entre os dois autores. Um novo estilo de apresentar a vida social estava brotando devido à expansão e consolidação do próprio capitalismo. Para Marx, a dificuldade de compreensão da arte e sua época residiam em continuar sendo colocadas normas e padrões. Tanto a descrição como a narração não podem ser separadas da história. O escritor precisa compreender a totalidade do mundo, pois só assim ele conseguirá visualizar de forma ampla e dinâmica a complexidade dos fatos, podendo então transcrevê-los de maneira completa.

Lukács (1965), ao utilizar-se desse viés marxista, suscita que é necessária a *práxis* para se desenvolver trabalhos narrativos a respeito da sociedade, visto que, se a literatura é baseada sempre na observação, a descrição acaba por se perder em medida considerável na relação entre a *práxis* e a vida interior por apenas perceberem-se partes e não a totalidade dos fatos.

A narração é um estilo de se fazer uma literatura mais abrangente, onde há uma relação entre o texto e o contexto, tendo-se uma conexão entre as estruturas sociais existentes e que são explicitadas nessa maneira de escrever; por isso que ela é considerada por Lukács como a melhor forma de se escrever, pois traz toda uma época que faz parte da história do homem.

Enfim, para Lukács, “a narração distingue e ordena. A descrição nivela todas as coisas” (p. 62), ou seja, quando se narra, se colocam em prática todos os momentos que farão com que o leitor ou expectador esteja envolvido por querer saber o porquê da história e buscar esse envolvimento com o final. E isso pode ser percebido na leitura dos trabalhos de Balzac que, posteriormente, subsidiaram a concepção totalizadora da sociedade burguesa de Karl Marx e Friederich Engels.

De fato, não existe na literatura uma “poesia das coisas” independente dos acontecimentos e experiências da vida humana. (cf. Lukács, 1965, p. 72)

A relação entre o homem e a sociedade, o coletivo e o individual, só pode ser expressa pelo artista quando houver a quebra do dilema entre narrar ou descrever; essa questão está diretamente ligada ao artista, e é ele que, como escritor, ditará sua posição com o advento do capitalismo. Lukács ressalta o modo como os escritos sobre a sociedade e o indivíduo são apresentados através do romance (Lukács, 2009), remetendo ao surgimento da sociedade burguesa os fundamentos dessa nova épica representada pelo gênero do romance.

Esse novo gênero traz em si uma realidade desigual, um mundo exposto de maneira não só a exaltar o belo, mas também o feio. Esta poética, como diz Lukács, é apresentada através do conhecimento, que é o criador das contradições antagônicas que vêm como forças motrizes dessa sociedade capitalista. Dessa forma, podemos dizer que, com as mudanças bruscas que vieram a ocorrer com o advento do capitalismo, surgiram outras situações que somaram com as que já existiam e fizeram um conjunto de meios que abriram portas para se poder adentrar até o íntimo do que estava oculto por causa do poder e que, apesar de Balzac tentar buscar o “estado médio”, assim como Goethe e Hegel, não conseguiu, se atendo às contradições existentes, estando nisso o seu mérito e sua força ao desenvolver seus romances.

Ela significa apenas que Balzac, em sua obra, desenvolve até o fundo as contradições mais profundas da sociedade burguesa e figura a interpenetração dinâmica destas contradições como forças motoras desta sociedade. (cf. Lukács, 2009, p. 204)

O próprio autor que está sendo utilizado como instrumento principal para desenvolvimento de nossa pesquisa deixa explícito o quanto Balzac foi um grande colaborador de sua época ao nos retratar através de seus romances as tramas que estavam ocorrendo na França no período de sua existência. Essa confirmação encontra-se em um de seus primeiros trabalhos, *Sobre o suicídio* (2006), onde ele, Marx, relata alguns exemplos de suicídios que um diretor arquivista da polícia, Jacques Peuchet, tinha em suas memórias. Nesse livro do jovem Marx, estão pautados vários excertos que o autor gostava de pontuar em

seu caderno de anotações, mas que jamais publicou. Em uma das páginas desse livro, Marx deixa claro o seu entusiasmo pelas obras de Balzac.

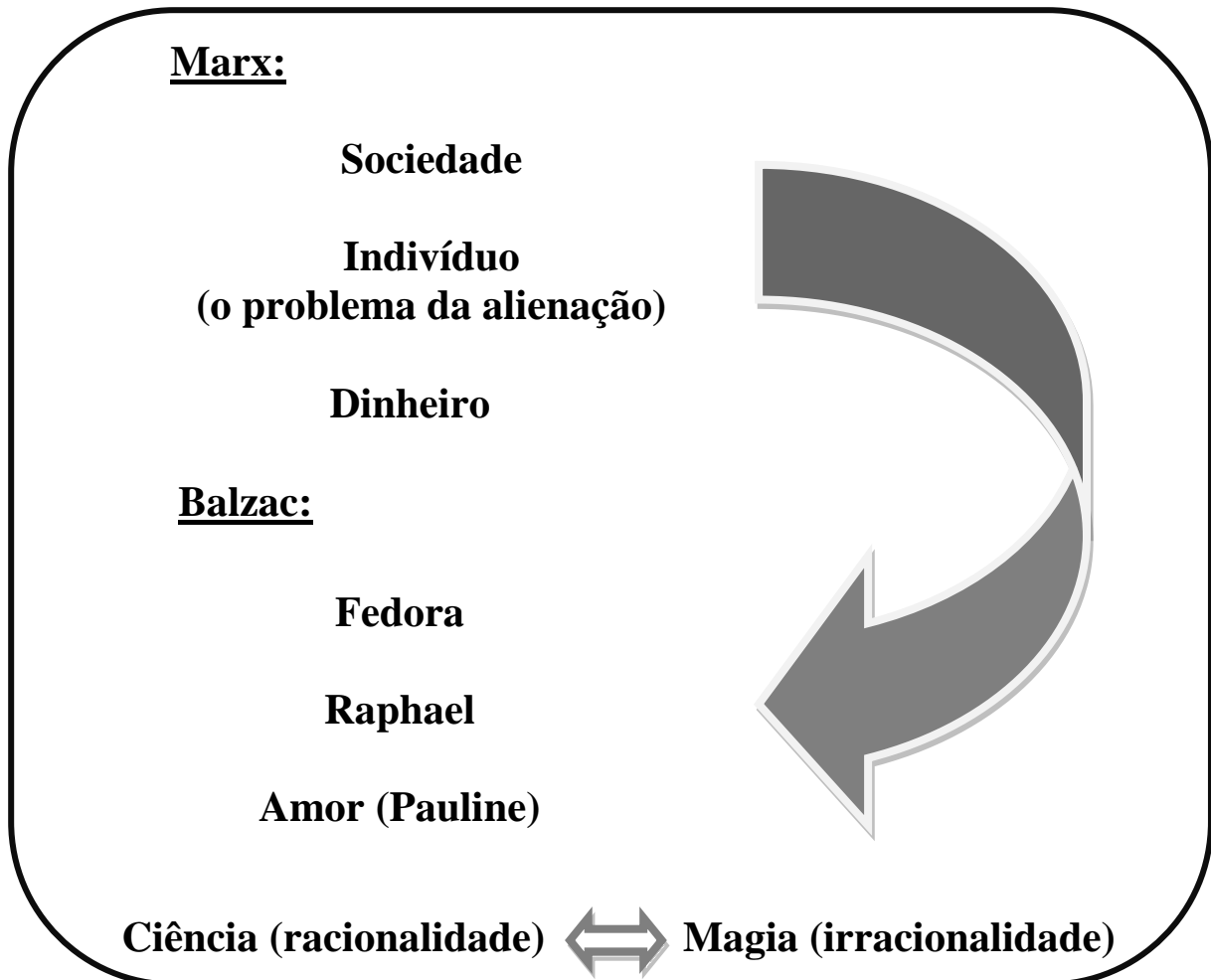
Seu entusiasmo por Balzac é bem conhecido, tanto que confessa ter aprendido muito mais sobre a sociedade burguesa em seus romances do que em centenas de tratados. É claro que Peuchet não é Balzac, mas suas memórias apresentariam uma variante de qualidade literária: basta lembrar que um dos seus episódios inspirou *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas. (cf. Marx, 2006, p. 15)

As ideias dos referidos autores deverão ser desdobradas ao longo da pesquisa, pois todos eles apresentam a arte como algo que pode ser verificado pela sociologia. Tomando-se a arte como parte do processo de mudança do indivíduo na sua vida cotidiana, a partir de sua busca de tentar compreender e revelar ao público algo para além do esperado faz com que ela seja foco de nossa análise. Um ponto importante que deve ser ressaltado, também, é que nossa metodologia está em processo de construção, uma vez que não existe uma “fórmula” para se fazer uma análise sociológica na literatura e, assim, forjar um novo conhecimento.

DESENVOLVIMENTO

Capítulo I

Relações possíveis entre conceitos/temas presentes em *A ideologia alemã*, de Marx, e o romance *A pele de onagro*, de Balzac.



O desenvolvimento desta pesquisa realiza-se conforme o previsto. Como resultados parciais do que é proposto como objetivo no projeto, primeiramente será abordada a relação entre o *Manifesto do Partido Comunista* e *A ideologia alemã*, de Karl Marx e Frederich Engels, e o romance *A pele de onagro*, de Honoré de Balzac, onde pretendemos pontuar as possíveis relações, temas e/ou entretchos que Marx pode visualizar em Balzac e, posteriormente, utilizá-los para desenvolver seus trabalhos.

Antes de adentrarmos nos textos citados e pontuarmos as possíveis relações, farei uma breve síntese das respectivas literaturas. No *Manifesto do Partido Comunista* (1848), Marx e Engels escrevem sobre a história de luta de classes e a exploração do homem através do

trabalho. Os autores buscam explicar e fundamentar a questão da luta de classes, ou seja, a formação da burguesia e do proletariado. Nesse mesmo escrito é feito um panorama da história do homem, observando as grandes transformações ocorridas com o advento do capitalismo. Na verdade, o texto do *Manifesto* faz uma avaliação mais abrangente do significado cultural do próprio capitalismo como forma histórica determinada. Nesse aspecto, segundo Berman (2007), Marx nos demonstra a visão da vida moderna como um todo a partir de fragmentos e da dualidade que existia no pensamento atual da modernidade.

De acordo com Berman (2007), o *Manifesto* possui um eixo central de argumentação: o desenvolvimento da moderna burguesia e do proletariado e a luta explícita entre ambos. Num primeiro momento, Marx mostra a emergência da modernidade como a liberação de forças sociais destinadas a abranger a totalidade das sociedades humanas por meio da expansão, absorção e destruição de todos os mercados menores. Isso implica em mais produção e consumo, ou seja, numa expansão a nível internacional.

Já em outro momento, Marx, nas palavras de Berman (2007), descreve a burguesia como algo que teve um papel revolucionário significativo na história, pois ela foi a responsável pela manifestação da capacidade da atividade humana. “No *Manifesto*, a ideia de Marx é que a burguesia efetivamente realizou aquilo que poetas, artistas e intelectuais modernos sonharam, em termos de modernidade” (p. 115). Finalmente, o *Manifesto* surge como uma cartilha que nos apresenta o caminho mais profundo e mais seguro até o cerne dessas contradições da vida moderna.

Em *A ideologia alemã*, um texto anterior ao *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels pretendem fazer uma crítica à filosofia idealista, então hegemônica na Alemanha e, em particular, ao pensamento de Hegel. Marx discorda de Hegel e dos filósofos idealistas no que se diz respeito à consciência objetiva da família como manifestação primeira da sociedade civil, e o Estado, por consequência, encarado como uma sociedade política. Se para Hegel o problema do mundo está na relação da alienação religiosa que impede uma visão mais próxima da realidade, não possibilitando à humanidade o seu progresso, para Marx a estrutura econômica converte-se em ponto primordial para sua análise material da realidade. Daí a inversão operada por Marx em relação à Hegel, que pensava analisar a sociedade de sua consciência para sua existência.

Para Marx, o homem é quem produz a história, pois mais importante que a alienação religiosa é o trabalho que gera a religião, existindo ainda uma alienação com a natureza. O homem se depara com a natureza para, a partir de então, existir a história. A primeira realidade que o homem encontra é a existência de um corpo vivo, corpo esse que faz com que

as mais variadas formas de trabalho o mantenham vivo, dando início à história e à sua existência. Ele diz ainda que a metodologia mais próxima do ideal é a manutenção do corpo vivo, ou seja, o trabalho. Sua sistemática é o trabalho, pois o mundo precisa das necessidades do corpo e do espírito.

A pele de onagro, uma das primeiras obras de Honoré de Balzac, tem como enredo uma história que cruza a temática do amor e do dinheiro, onde o protagonista da trama, Raphaël de Valentim, é um jovem com pretensões aristocráticas decidido, inicialmente, a se suicidar. No entanto, situações o impossibilitam de proceder ao seu intento suicida e o encontro com o demônio faz com que um pacto seja estabelecido. Por meio deste pacto, Raphaël recebe uma espécie de talismã que lhe dá poder e dinheiro em troca do bem mais precioso que ele tem: a sua própria vida. No decorrer da trama, acontecem várias situações e aparecem duas figuras femininas que, ao final da história, Balzac pontua como sendo encarnações da própria sociedade francesa então polarizada entre o amor e o dinheiro. Enfim, Valentim faz de tudo para inverter o pacto, porém não obtém sucesso e morre aos pés de sua amada Pauline.

A visualização de Balzac, ao pensar e escrever sobre a sociedade de sua época, propôs um viés que contribuiu para a sociologia e influenciou outros autores que desenvolveriam temáticas similares. Um dos grandes estudiosos que desenvolveu tal trabalho foi Karl Marx que, ao perceber a visão materialista de Balzac, pôde desenvolver uma determinada perspectiva de análise que tem contribuído significativamente para os estudos sociológicos, para além de seu período de vida.

Balzac, quando escreveu *A pele de onagro*, nos indicou como a ganância vai além da racionalidade do homem, um ser que almeja ter e manter certo status social materialmente assegurado independentemente de qualquer coisa; Raphaël de Valentin é o personagem do romance que retrata esse anseio próprio de uma sociedade burguesa nascente. A motivação do suicídio logo no início da trama salienta precisamente esse anseio em sua ausência, ou seja, o herói do romance se vê despossuído das possibilidades de alcance desse universo aristocrático na medida em que está materialmente desprovido dos meios. O pacto do com o demônio nesse momento de desespero torna-se o caminho mais fácil para conseguir seus anseios de ascensão social. Como consequência drástica desse pacto há a redução de sua vida. Marx, quando lê os escritos de Balzac, percebe essa visualização dos fatos para além do que era colocado pelos estudiosos da época. Esses pontos fizeram com que o autor de *O capital* refletisse e, acima disso, desenvolvesse seu método de análise da sociedade capitalista.

De acordo com o romance de Balzac, Raphaël de Valentin, ao encontrar-se à beira do suicídio, é convencido a não prosseguir devido a um momento de hesitação causado pela

aparição de uma figura feminina que o conduz até um velho antiquário, onde, ali, ele se depara com um velho que revela a ele o segredo de como obter sucesso e fortuna. Em troca do alcance de tais anseios, a sua própria vida seria ceifada. Não é um enredo muito diferente de *Fausto*, de Goethe, onde a vida é transformada em elemento de transação por fortuna em um contrato feito com o próprio Mefistófeles. Valentin se comporta tal qual Fausto, esbanjando e exaltando riqueza e luxo e desconsiderando a pobreza ou a possibilidade de algo ínfimo ou menor do que era e do que estava desfrutando.

Balzac foi, de muitas formas, influenciado por Goethe, pois assim como em *Fausto*, *A pele de onagro*, a temática do poder, riqueza, luxo, morte e arrependimento pairam ao longo do entrecho, deixando explícita a influência de uma obra sobre a outra. A busca incessante por poder e ganância de querer sempre mais minimiza o discernimento entre o bem e o mal, levando ao final das duas histórias uma corrida frenética por uma saída que nem a ciência poderia ajudar.

Essas histórias demonstravam como determinadas pessoas faziam para alcançar status independentemente de ter que lançar mão de meios ilícitos, não éticos, irem além das forças naturais e até ter que perder a vida, como foi o caso de Raphaël de Valentin, que matou alguém pensando que assim poderia alongar mais a própria vida, mas que o deixou mais desesperado. Ele procurou alternativas, as quais foram todas tentadas sem êxito algum. Já na história de Fausto, ele tenta a todo custo quebrar o pacto que havia feito e, não conseguindo, perde a vida, mas não entrega sua alma.

Em ambas as histórias, é possível perceber a lógica social que rege a nobreza e a burguesia. Na nobreza, o desperdício e o esbanjamento convertem-se na prática para demonstrar o desfrute de um status nobre; já na burguesia sua lógica é direcionada para a acumulação de bens materiais como fim em si mesmo. Se pensarmos em Karl Marx, é possível percebermos que, assim como Raphaël de Valentin e Fausto, que foram capazes de fazer de tudo para obter o que queriam, o trabalhador também usa da mesma lógica para conseguir o que ele acredita ser o ideal de vida, ou melhor, a vida que a burguesia o faz crer que seja o melhor para ele. O trabalhador, segundo Marx, vive em uma constante alienação, uma vez que não consegue se reconhecer como parte integrante do processo maior da produção, e que as “vantagens” que o patrão lhe “oferece” não o estão ajudando, mas sim favorecendo o próprio patrão.

Se retornarmos pouco antes desse aspecto do trabalhador, segundo o ponto de vista de Marx, poderemos perceber que o indivíduo, e principalmente os filósofos que tinham influências de Hegel, acreditavam que o poder advinha do conhecimento, ou seja, que as

relações sociais se davam por intermédio do pensamento. Quando o trabalhador percebe a sua exploração, bem como Fausto e Raphaël, o tempo já passou para todos e a possibilidade de usufruir a vida torna-se algo impossível ou, de certa forma, desgastante, apesar das inúmeras conquistas obtidas por meio do dinheiro acumulado durante a vida.

Quando visualizamos as relações entre o dinheiro e o amor em *A pele de onagro*, é possível ver como a relação entre dinheiro e status estão presentes durante os encontros e desencontros dos personagens Raphaël e Fedora; do mesmo modo, essa relação entre dinheiro e amor se faz presente quando Raphaël despreza Pauline ainda empobrecida. Valentin tende sempre a esbanjar dinheiro a pedido de Fedora, que, como citado no epílogo, é a encarnação alegórica da própria sociedade que nos exige ser sem poder fazer parte de algo maior do que realmente somos. Fedora exige que Valentin demonstre sua riqueza para poder demonstrar seu status e, em contrapartida, Pauline apenas queria o amor dele, independente de ser rico ou não. Talvez essa falta de ganância da parte de Pauline seja o que, a princípio, a tenha afastado de Raphaël, uma vez que ele não se contentava com seu status social.

Marx vislumbra a relação entre dinheiro e amor diferentemente de Hegel, que aponta a família como o elemento mais importante e crucial para o entendimento da sociedade, pois, para Hegel, é na família que ocorrem as relações sociais centrais, não necessitando de outras relações. Mas Marx vai mais além quando percebe que é necessária a relação não só da família em si, e sim a relação da família com outros fatores. Como, por exemplo, o trabalho (materialidade) que fazia essa “ponte” entre a sociedade e o homem, sendo o próprio trabalho considerado por Marx como fator principal para que se estabelecesse tal relação. Enquanto Hegel salientava que as relações sociais nasciam dentro da família e se espalhavam para as demais e, por conseguinte, engendrava a própria sociedade, Marx acreditava que o elo estabelecido pelo trabalho desenvolvido pelas famílias é que consolidava a materialidade da sociedade.

Essa inversão de Marx dos conceitos de Hegel são características que vislumbramos ao longo de todas suas obras. Em Balzac a importância do status em detrimento do amor é algo visível no personagem de Raphaël de Valentin, talvez algo importante que Marx tenha lido e decodificado em seus manuscritos, uma vez que ele relaciona o poder e a dominação à dimensão material do trabalho.

Com Balzac, em *A pele de onagro*, o herói da trama demonstra isso na medida em que o pacto o mantém dominado e preso a algo que no início desejava, mas não se atentou para os efeitos. Posteriormente arrepende-se e tenta a todo custo desfazer, mas já era tarde. Marx demonstra essa relação de dominante e dominado tanto no *Manifesto do Partido Comunista*

como em *A ideologia alemã*, onde o ponto principal se desvela ao percebermos a importância do trabalho na formação da sociedade. No *Manifesto*, Marx, juntamente com Engels, faz uma “cartilha” para mostrar ao trabalhador que ele teria um valor a mais do que era considerado pelo seu patrão, uma vez que este era a única mercadoria que produzia outra mercadoria. Essa situação se deu, segundo Marx, porque o trabalhador, desde o início da industrialização, não se atentou para a grande e poderosa força que ele detinha.

Marx queria, acima de tudo, demonstrar que, apesar de dominados, essa dominação se dá apenas porque ela não se mostra visível. Ele sempre aponta a possibilidade de nos desvincularmos dessa relação, mas como acontece com Valentin no livro de Balzac, parece que nem a ciência é capaz de resolver essa dominação que o trabalhador aceita passivamente. Direcionando para uma avaliação acerca da visão de Marx em *A ideologia alemã*, não podemos esquecer que Marx chama a atenção também para o papel da ciência e do conhecimento em geral como algo que é tragado pelo processo de dominação que se constitui na dimensão material da sociedade, ou seja, todo conhecimento que é produzido tende a refletir, inevitavelmente, o processo de dominação que ocorre na esfera material da sociedade expresso na luta de classes.

Em *A pele de onagro*, quando Raphaël tenta reverter o pacto que já sabia que poderia chegar a algo catastrófico, já era tarde; e mesmo quando recorreu à ciência, esta não conseguiria ter resultados bons, ainda que ele possuísse dinheiro para tal. Dessa forma, o herói do romance percebe que o que por muito tempo o manteve em voga na sociedade não o manterá vivo por mais tempo. A crença na magia que o fizera rico não seria suficiente para mantê-lo vivo, nem a confiança na ciência.

A crença na magia ou em filosofias mistificadoras foi um ponto que Marx se dedicou ao escrever *A ideologia alemã*. Tal qual Raphaël, que ora acredita na magia, ora na ciência, Marx, durante a elaboração da obra, descreveu essa dualidade pela qual o homem passa na época para explicar sua própria existência. Dialogando com Hegel, Marx reflete os argumentos do filósofo idealista para estabelecer uma nova ciência – a do materialismo histórico, onde a relação do material com os fatos apresenta as nossas novas escolhas.

Por meio do materialismo histórico, Marx pode descrever as novas oportunidades de desenvolvimento que a sociedade de sua época trouxe e as possíveis contribuições que teríamos a partir da relação do trabalho e da sociedade, bem como as possíveis revoluções para melhorias dos trabalhadores. Ele também pode pontuar as relações econômicas que o homem desenvolveria daquela época em diante. Marx, através das influências de Balzac,

descreveu o cerne da sociedade burguesa, e que Engels apresenta-nos de forma a demonstrar que Balzac já tinha se atentado para as futuras mudanças.

Engels, que ajudou Marx durante sua vida, e outros, podem descrever situações que mais tarde apontariam para o capitalismo e a ferocidade com que esse meio de produção invadiria o mundo. Dando ênfase àquilo que Balzac já tinha percebido e tentado demonstrar de maneira a apresentar a sociedade burguesa, Marx sente a necessidade de explicitá-las, causando um embate e colocando sua própria vida em perigo ao buscar incessantemente conscientizar o trabalhador de seu valor.

Essa busca pela conscientização do trabalhador pode ser percebida em *A pele de onagro*, não da mesma maneira que é apresentada por Marx, mas que sugere um viés a esse pensamento uma vez que Raphaël de Valentin tem consciência da situação, mas só se atenta para os riscos ao fim de sua vida quando nada mais pode ser feito. Isso é o que Marx diz do trabalhador que, ao se deixar envolver pelo trabalho, acaba esquecendo-se de si e dos outros, almejando apenas a subsistência que o cega.

“Sua luta contra a burguesia começa com sua própria existência”. Marx, quando escreve essas palavras, confirma o que Balzac já apresentava em suas obras, como Raphaël de Valentin, que em um momento quer se suicidar e em outro consegue fazer parte da classe burguesa que tem poder envolvente e o induz a buscar insistentemente essa ascensão.

Fato que ocorreu com Balzac em sua trajetória intelectual, o qual, deixando sua formação em direito para escrever literatura sobre a sociedade de sua época, recorreu a vários outros meio de trabalho, como, por exemplo, o de editor; como não estava tendo êxito, procura na edição uma alternativa. Entretanto, não permanece nisso, mas busca se envolver com a publicidade que não estava em alta. Balzac ainda recorre a outros meios de subsistência, nunca deixando de lado a escrita, mas acaba complicando-se cada vez mais, endividando-se.

Essa situação perpassa por toda a sua vida, mas ao fim ele consegue o que desejava. E a relação entre amor e dinheiro percebida por Marx, e pautada por Balzac, está em *A pele de onagro* quando surgem Pauline e Fedora, duas mulheres que direcionam Valentin para lados distintos, sendo que a segunda consegue seduzi-lo e o envolve num caminho sem retorno, desprezando o seu outro lado, o que seria o da consciência, termo utilizado por Marx em seus escritos.

“QUERER nos queima e PODER nos destrói, porém o SABER nos acalma” (Balzac 1831). Essa frase se encontra em *A pele de onagro* e cabe, nesse momento, por apresentar aquilo que Balzac mostrou e que posteriormente Marx também abordou, ou seja, o

conhecimento sem a matéria que resultaria em destruição e a ganância de Valentin em querer conquistar o mundo e se envolver nos prazeres mundanos, ao conforto da fortuna e à sedução de Fedora em detrimento da sincera e simples Pauline, levando-o à sua própria destruição.

Capítulo II

Antes de apresentar o resumo da obra *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, pontuarei brevemente a importância deste sobrenome para a França. Bonaparte causou uma grande reviravolta na França, trazendo à tona todas as fraquezas que um governo pode ter e o quanto se pode usar dos artifícios políticos em benefício próprio. Isso ficou mais nítido quando o sobrinho de Napoleão Bonaparte, Luis Bonaparte, depois de ter aplicado um golpe, assumiu o poder e conseguiu fincar os pés na arena política.

O 18 Brumário de Luis Bonaparte é considerada uma das principais obras analíticas de Karl Marx na medida em que pensa o caráter farsesco de um processo político e suas vinculações com uma gama variada de fatos, fossem históricos, econômicos ou sociais. É uma obra de cunho político que trata de um grande golpe dado por Luis Bonaparte, causando uma mudança importante na estrutura política da França. Esse período foi criticamente retratado por Marx e suscita nos leitores a necessidade de entender com maior clareza o que estava escondido por trás daquele cenário onde uma gama de ideologias, interesses econômicos e as instituições contracenavam. Marx ressalta, ainda, as artimanhas e barganhas de Luis Bonaparte com os dirigentes e militares que faziam parte desse conjunto que formava a cena política francesa.

Marx nos apresenta a especificidade do caso da França sem desconsiderar o quadro mais abrangente da conjuntura europeia, buscando articular os acontecimentos no âmbito do contexto francês com as ocorrências em outros países, desdobrando-se em importantes ferramentas políticas internas e externas, como, por exemplo, a dissolução do parlamento inglês por parte de Cromwell. Mas, diferentemente de Cromwell, Bonaparte, além de aplicar o golpe, roubou milhões do banco da França, subornou generais e soldados e conseguiu manter-se no poder burlando leis e interferindo diretamente na vida dos dirigentes parlamentares; além disso, dissolveu a Assembléia Nacional e o Conselho do Estado que, para Bonaparte, seriam entraves para a sua permanência no poder.

Desse modo, o trabalho de Marx enfatiza a questão política da França e nos aponta de forma mais contundente como a obra de Balzac o influenciou, mesmo que indiretamente, como é relatado em comentários do próprio autor e também por fazer referências ao próprio Balzac em seus escritos, como, por exemplo, n' *O 18 Brumário* quando cita a novela *Prima Bete*, utilizada para se fazer um comparativo com a “sociedade de 10 de dezembro”.

Ilusões perdidas, por seu turno, é um dos trabalhos de maior fôlego de Balzac, e foi publicado pela primeira vez em forma de poema pelo próprio autor ao relatar a história do poeta Lucien Rubempré, sendo publicado no ano de 1824. Essa obra, no período de sua primeira publicação, não teve muito destaque pelo fato de ter sido editada em forma de folhetim, o que, para os leitores, não era muito interessante, uma vez que Balzac as publicava esporadicamente. Porém, quando publicada em sua totalidade em 1843, recebeu um grande destaque e o leitor, ao se deparar com a obra na sua inteireza, percebe a acuidade das observações de Balzac acerca da vida intelectual na França e seu correspondente processo de mercantilização.

Um romance que mostra em seu trecho os anseios de um intelectual provinciano em busca de consagração na capital, mas que, ao final, se deixa envolver pela sedução do sucesso fácil, passando por altos e baixos por não saber lidar com os diferentes círculos de intelectuais em disputa. Dividida em três partes, a obra retrata de maneira sucinta e completa a vida e os obstáculos que Lucien enfrentou desde o início de sua ganância em ser um poeta e jornalista renomado.

Na primeira parte, Balzac nos apresenta um Lucien ambicioso e fantasioso, cheio de caprichos, sendo considerado o fio condutor para o autor no que tange aos relatos sobre a produção cultural do período. Isso faz com que Balzac tenha em suas mãos uma riqueza de instrumentos que agregam valor à obra, envolvendo e deslumbrando qualquer leitor que entra em contato com ela. Essa primeira parte é intitulada de “dois poetas”, pois Balzac descreve a vida tranquila de Angoulême, dando destaque à vida do sonhador Lucien que almeja ascender e ter sucesso em Paris como poeta e de seu amigo, David Sérchard, que recebe uma tipografia de seu pai e administra.

Também relata acerca da vida de Éve, que é irmã de Lucien e por quem David se apaixonou. Além disso, descreve o ambiente aristocrático da época, que tem em seu comando a senhora de Bargeton. É essa dama de sociedade provinciana que, por ter seus contatos em Paris, se tornará amante de Lucien e viabilizará a sua inserção nos salões da capital. Na segunda parte, Balzac apresenta-nos o meio corrompido do jornalismo e escreve sobre as relações sociais e a vida cultural da grande cidade. Na terceira e última parte, o escritor disserta sobre o cotidiano de Angoulême, pontuando as dificuldades de David com sua gráfica e o retorno de Lucien de Rubempré, após sua experiência em Paris.

Novela curta, *O coronel Chabert* pertence a “Cenas da vida privada”, compondo o conjunto de a *Comédia Humana*, e foi escrita no ano de 1832. Trata da história de um conde que foi à guerra como soldado ao lado de Napoleão, vencendo várias batalhas. Porém, em um

determinado momento, é considerado morto e sua esposa reconstrói sua vida ao lado de outro homem, com quem tem dois filhos. Depois de sobreviver devido ao amontoado de cadáveres tombados na batalha, o Coronel Chabert sobrevive e resolve retornar para a sua cidade em busca do resgate da sua vida, pois, como já relatado, fora considerado morto, restando apenas a recordação estampada na certidão de óbito.

Ao se deparar com as pessoas e se apresentar como o famoso Coronel Chabert, ele é alvo de zombarias porque todos acreditam que o famoso herói de guerra estava morto. Ainda assim, ele não desiste de seus objetivos, recorrendo aos advogados para auxiliá-lo no resgate de sua dignidade, de seu passado e de seu poder econômico. Contudo, esse “morto” só serviria para um fim: “Os mortos governam os vivos”, frase lapidada por Balzac e que é ressaltada por Marx com um sentido crítico por defender a ideia de que não se deve pensar no passado e nem se amarrar a ele, caso contrário o indivíduo não consegue continuar caminhando.

O ambiente encontrado pelo Coronel Chabert já não era o mesmo, assim como mudara o comportamento das pessoas que passaram a visar apenas interesses pessoais. Então a situação se agrava e ele, enfim, encontra ajuda, mas não da maneira que esperava. Ele termina sua vida em um asilo, sendo reconhecido apenas por alguns. Não consegue obter êxito na busca pelo resgate da sua própria vida e de sua honra e propõe ao leitor uma reflexão sobre o apego excessivo ao mundo material em uma sociedade de rivais.

A análise de *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, de Karl Marx, e do romance *Ilusões perdidas*, bem como da novela *Coronel Chabert*, de Honoré de Balzac, nos auxilia na compreensão da relação entre o mundo intelectual e a configuração da dimensão material da sociedade. Diferentemente de outros autores vinculados a determinadas tradições culturais, Balzac tem o mérito de demonstrar o quanto o mundo intelectual ganha em concretude e materialidade, indicando claramente que a sociedade moderna que se vislumbrava já possuía um caráter arrivista do ponto de vista do mundo espiritual.

Neste capítulo pretendemos demonstrar como a relação entre o mundo espiritual articula-se com a dimensão material da sociedade, isto é, como conceber o mundo intelectual na sua materialidade específica. Em *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, pode-se afirmar que a materialidade do mundo intelectual se faz presente na medida em que as diferentes instâncias da realidade social são articuladas, seja no âmbito político, econômico ou social.

Marx contextualiza historicamente os diferentes eventos narrados, fazendo com que o leitor adentre na história para melhor compreender os detalhes a respeito das artimanhas feitas por Luis Bonaparte para aplicar um golpe de Estado, mostrando ainda as relações e o modo

como o mesmo conseguiu, por um período, conviver em um meio cheio de singularidades que deveriam ser bem avaliadas antes de se envolver com o poder, o que não deteve Bonaparte. *Ilusões perdidas*, de Balzac, aborda, por sua vez, o tema acerca da materialidade no trabalho intelectual, é a vida de Lucien Rubempré e suas ilusões ao buscar um sonho de ser poeta e jornalista e que se vê diante de artimanhas desse ambiente intelectual considerado como o mais concorrente.

Diferentemente de *A ideologia alemã*, de Marx e Engels, que trata de uma temática de caráter mais filosófico, paralelamente com o livro de Balzac, *A pele de onagro*, *O 18 brumário de Bonaparte* demonstra como se dá a articulação entre a dimensão material da sociedade e o mundo das idéias. Se fizermos a mesma comparação entre a dimensão intelectual em contraste com a dimensão material da sociedade em *O 18 brumário de Luis Bonaparte* e *Ilusões Perdidas*, é possível perceber o mesmo paralelismo que os dois autores traçam.

Os personagens de *Ilusões Perdidas* e *O 18 brumário de Luis Bonaparte* navegam tanto pela dimensão intelectual quanto pela esfera material da sociedade para obter vantagens sobre os demais concorrentes, ou seja, tanto Marx como Balzac refletiram sobre essa articulação entre uma esfera e outra para demonstrar o modo peculiar de sua conexão. Marx relata a ascensão de Bonaparte ao governo da França, esmiuçando as ações astuciosas do simples “alferes” que chega ao cargo de imperador. Karl Marx também esclarece que Bonaparte não se utiliza apenas de aspectos econômicos e históricos, mas demonstra que, ao se tornar imperador, seu maior trunfo foi o modo como se movimentou no jogo político ao longo das possibilidades que se apresentaram no decorrer de sua carreira militar. Dessa mesma forma procede o personagem da obra de Balzac quando consegue realizar seu sonho.

Devemos também entender que Marx não escreveu *O 18 brumário de Luis Bonaparte* visando somente os fatores históricos e políticos. Sua principal visão foi a política, diferentemente de suas outras obras. Contudo, muitos marxistas afirmam que *O 18 brumário* é um livro histórico, enquanto outros atestam que ele visa o aspecto social. O fato é que Marx tenta nos mostrar que Bonaparte não ascende por um mero jogo econômico e sim pela união de todos os fatores que implicavam na situação da França, ou seja, ele soube entrar no jogo político que existia e se manter nele, conseguindo envolver a todos os que faziam parte desse meio, como a burguesia, a Assembleia Nacional, dentre outros.

O capitalismo na França na época de Luís Bonaparte estava em plena expansão, porém politicamente não é propriamente a burguesia quem ordena a política. Ela simplesmente adere a fim de que seus interesses sejam alcançados. Acreditamos que é precisamente nesse

momento que a obra de Balzac se tornou referencial para Marx. A história de Lucien mostra a desilusão quanto aos seus anseios de se tornar um escritor/intelectual reconhecido e cultuado. A dimensão material que está envolvida no intrincado dos diferentes cenáculos intelectuais e jornalísticos encontra-se subordinada às questões políticas mais amplas.

O fato social está ligado com a dimensão política quando verificamos a questão de luta de classes. Na concepção de Marx, esse conceito se define quando se pensa em dominação, uma vez que, quando nos voltamos para a história, vislumbramos essa ideia nas revoluções tal como abordado na novela *Coronel Chabert*. A comparação pode ser percebida no texto de *O 18 brumário* quando Marx discorre acerca das inúmeras conquistas de Bonaparte ao utilizar o poder que detém, e não mais recorrendo a meios plausíveis e legais como tentou o Coronel Chabert ao retornar das guerras para requerer seus direitos através de meios legais e não obteve êxito por não ser mais influente e por não estar envolvido nas relações com o poder.

Apesar de muitos acreditarem que o que move Lucien a deixar sua vida na província em busca de suas ambições, e, em contrapartida, o que move David em continuar na sua vida provinciana, seria a predominância dos anseios intelectuais em detrimento das ambições materiais. No entanto, ambos foram motivados tanto pelas questões materiais quanto intelectuais de modo indissociável.

Lucien decide galgar melhores oportunidades de vida para realizar seus sonhos, o que tem relação direta com pensamentos que foram transmitidos no desenvolver de sua capacidade intelectual e que o estimularam a uma escolha pautada por aspectos materiais e intelectuais. Igualmente, David utiliza ambos os aspectos para decidir permanecer em sua cidade na província e acreditar que lá seria o melhor lugar para alcançar seus objetivos por causa do suporte familiar.

Dessa forma, para os dois, tais escolhas, apesar de diferentes, foram mensuradas e escolhidas utilizando os mesmos critérios, mesmo que por caminhos diferentes, mas legítimos para eles. No entanto, em determinado momento, para o autor de *Ilusões perdidas*, há uma diminuição quanto ao destaque dado ao personagem David pelo fato de o mesmo resolver ir para um caminho de aparente “conforto”, sem ao menos tentar galgar o caminho mais nobre da vida espiritual para obter maior poder econômico.

Em outro ponto, quando o autor dá maior ênfase ao personagem Lucien, é possível perceber que naquele momento histórico a necessidade da busca incessante pelo conhecimento era fundamental para ascender, explicitando o desequilíbrio entre as questões material e espiritual, bem como da necessidade de encontrar um ponto de equilíbrio entre eles para, então, circular por uma via intermediária e obter o devido reconhecimento.

Percebemos também essa relação em *O 18 brumário*, pois Bonaparte necessitou ter bem equilibrada as duas questões – o material e o intelectual. O golpe aplicado na França, que ao mesmo tempo derruba e ergue, sendo o primeiro para que pudesse tomar o poder e o segundo para que ele se torne um salvador e, em seguida, se tornar participante do poder da elite. Essas atitudes foram embasadas nas duas motivações de escolha. No entanto, como uma revolução sempre gera problemas, Bonaparte desvelou e explicitou novas situações, como o surgimento de classes sociais distintas, agitando todo um Estado que era pautado pela ideologia do tratamento igualitário.

Da mesma forma, Balzac escreve sobre as “ilusões perdidas” de dois personagens que galgaram por caminhos distintos em busca de melhorias para suas vidas, onde o autor destaca Lucien, que teve sua ascensão ao jornalismo por caminhos tortuosos e considerados por muitos como antiético e, portanto, tendo que enfrentar muitos obstáculos na sua carreira. Marx, por sua vez, ao descrever a ascensão de Luis Bonaparte, tenta relatar também a “ilusão perdida” da população francesa quando acreditou que se o “alferes” estivesse no poder poderia desenvolver políticas que mitigariam as desigualdades sociais.

Dessa forma, o que se viu foi a transformação e o surgimento de uma nova elite – a burguesia francesa. O trabalho intelectual teve suas ideias forjadas e a realidade material ganha sua própria configuração, se misturando com a nova roupagem que estava emergindo com o capitalismo.

Balzac retrata esse processo de transformação no âmbito da produção literária e Marx nos apresenta também essa problemática, porém de forma distinta. Mesmo sendo rentável vender o que as pessoas gostam de ler, Luis Bonaparte censurava a imprensa e ordenava que pautassem aquilo que lhe convinha, explorando os escritores; e não somente ele, mas toda a classe dominante da época.

Lucien, em outro cenário, se constitui explorador. Em um momento da obra é explicado por seu conselheiro, Lousteau:

O segredo do êxito, meu rapaz, não está no trabalho, mas na exploração dos trabalhos dos outros. Os proprietários dos jornais são os empreiteiros das obras e nós somos os pedreiros. Quanto mais medíocre se for, mais rápido se alcança a meta, porque, caso necessário, se está disposto a engolir sapos, a ceder tudo, a adular as paixões dos pequenos sultões literários. Hoje ainda você tem escrúpulos, porque tem consciência, mas amanhã a sua consciência se curvará diante daqueles que lhe arrebataram o sucesso... (Balzac apud Lukács, 1965, p. 98).

Verificando a postura de Lucien de Rumbempré e Luis Bonaparte, se visualiza uma grande semelhança no trato com o poder, pois ao adentrarem nessa nova conjuntura que têm

ao seu redor, um ambiente cheio de obstáculos e fraudes, os dois acabam por se corromper e deixar de lado aquilo que tinham como ideal ao sonharem com sua ascensão. Ao alçarem e compartilharem daquilo que não tinham quando eram meros indivíduos sem influência e sem voz, resolvem jogar o jogo da sociedade que ordenava a França, ou seja, a estrutura que tinha o poder econômico.

Lucien só ganha espaço no contexto da classe mais nobre quando começa a escrever para eles, o que, conseqüentemente, agradava aos donos dos jornais. Isso também acontece com Luis Bonaparte ao manipular a imprensa e dar abertura somente àquilo que ele achava que a sociedade deveria estar à par. Assim como Lucien manipula e é manipulado pela elite, tal acontece também com Luis Bonaparte quando ele ascende ao poder e verifica que o que manteve a burguesia por baixo foi a não visualização do que de fato estava por trás da “bela França”; mas que Bonaparte conseguiu ter contato com todas as armações por meio da imprensa que divulgava as notícias.

Bem como Lucien, Luis Bonaparte é quem cria o mostro que o leva à derrota ao ascender ao poder e se desfaz de seus valores morais para se favorecer e que, por um curto espaço de tempo, mantém essa estrutura, ainda que não fosse duradoura. Tal qual Lucien e Luis Bonaparte, o Coronel Chabert também se viu em uma situação idêntica, pois para ele, a época que o considerava um homem influente na sociedade já havia passado, como aconteceu com Lucien, ou perdura por um pouco mais com Napoleão.

De acordo com as teorias de Marx, a força de trabalho pode ser vendida pelo seu dono, onde o “trabalhador” desempenha uma forma de serviço conforme a demanda e a vontade do patrão. É nesse pensamento que Lucien se favorece para fazer sua literatura, percebendo que escrever artigos jornalísticos segundo a vontade do seu empregador era melhor do que escrever seus livros sem algum retorno positivo ou lucratividade. Nesse sentido, em sua vivência em Paris, Lucien percebe que a venda de seu trabalho intelectual em sua forma mais simplória lhe renderia muito mais do que tentar formular pensamentos mais complexos, haja vista que o meio de divulgação das notícias e fatos passava pelo crivo daqueles que se punham em posição de decidir o que era importante para divulgar, sempre analisando unilateralmente os resultados e omitindo partes dos fatos, o que realmente deveria ser publicado.

É certo que a figura de Luís Bonaparte foi fundamental precisamente porque ele conseguiu reunir não só os interesses dos diversos grupos sociais em disputa no parlamento, mas fazia prevalecer os seus próprios. O crescimento econômico do período acaba permitindo esse tipo de figura demagógica que, juntamente com os seus cúmplices, se locupletavam no

poder. Nesse contexto, ao atrelarmos a obra de Marx com a postura literária de Balzac, é revelador como nenhum grupo social específico se isenta do ambiente político geral no qual não se busca ser o diferencial por receio de perder o que já se conquistou.

Capítulo III

Nesse terceiro capítulo pretendemos abordar o tema central que tomou boa parte da vida de Marx, objeto fulcral de suas variadas análises no decorrer da sua vida. Segundo Marx em *O capital*, o capitalismo como sistema econômico e social surgiu e foi espalhando-se por todas as sociedades, subjugando todas as tradições culturais aos ditames da lógica do capital.

Expressando a maneira de como tudo foi se construindo na formatação do capitalismo, Marx nos apresenta aquilo que permeará a sociedade moderna, onde, a cada mudança, sua força aumenta, fazendo com que o indivíduo sinta a necessidade em adquirir cada vez mais uma quantidade excedente de bens em forma de mercadoria e dinheiro, sem, muitas vezes, estabelecer um limite físico e mental, se desgastando e não obtendo êxito em seus objetivos.

Do ponto de vista da produção intelectual, esse padrão foi seguido por muitos autores que tentavam desenvolver trabalhos para denunciar cautelosamente a “loucura” que estava emergindo com o capitalismo, mas também almejavam o reconhecimento e a ascensão. No entanto, muitos não conseguiam em função daqueles que dominavam o sistema e detinham poder suficiente para permanecer e continuar a crescer, destruindo quem tentasse os impedir.

Nesse contexto, apresentaremos de modo mais aprofundado a lógica do capitalismo – o papel do dinheiro – e como esse processo conseguiu englobar a sociedade mundial. Porém, antes de iniciarmos, apresentaremos um breve resumo dos *Manuscritos Econômico-filosóficos* e do volume I d’*O capital*, de Marx, e de *Eugénie Grandet* e *Ascensão e queda de César Birotteau*, romances de Balzac.

Os *Manuscritos Econômico-filosóficos* é uma das primeiras obras de Karl Marx, considerada precoce, mas cheia de ideias que futuramente seriam amadurecidas pelo autor e se encontrariam em obras mais maduras como *O capital*. Os *Manuscritos* foi um trabalho desenvolvido por Marx aos seus 26 anos de idade, sendo publicado somente após sua morte. O texto é composto de fragmentos que apontam para vários vieses, dentre eles, o texto já analisado d’*A ideologia alemã*.

Desse trabalho estudaremos a parte em que Marx retrata o dinheiro e o que o mesmo faz com o indivíduo, alienando-o de maneira a torná-lo um indivíduo compulsivo por ele. Assim, o dinheiro se estabelece como possuidor do homem e não o homem possuidor dele, haja vista que o dinheiro o transforma em um ser corruptível. O dinheiro, como o próprio Marx afirmava, é o alcoviteiro entre a necessidade e o objeto, ou seja, entre a vida do homem e a

sua subsistência. Já o texto do volume I de *O capital*, é parte de um conjunto de livros, sendo esse primeiro publicado em vida por Marx, em 1867, como crítica ao capitalismo.

Desse primeiro volume, analisaremos o capítulo que trata da mercadoria, onde se encontra a diferenciação fundamental entre o valor de uso e valor de troca, bem como o caráter fetichista incrustado na mercadoria que seduz o homem e o envolve de modo a cegá-lo. Nesse contexto, se percebe a quebra de uma estrutura que estava incutida no momento da troca devido à valorização do indivíduo pela mercadoria, implicando num duplo caráter social.

No romance *Eugénie Grandet*, Balzac nos apresenta o retrato da sociedade francesa do século XIX, bem como uma abordagem materialista para denunciar o caráter arrivista da época. A história tem como destaque a vida da família Grandet, circunscrita à avareza sem medida do seu progenitor, que é caracterizado como sendo um homem sem escrúpulos e que atribuía tanto valor ao seu dinheiro a ponto de chegar a ser mesquinho. Sua compulsão pelo dinheiro era tão grande que ele acabava racionando todas as despesas da casa, fazendo sua família passar por grandes dificuldades.

Quando chega de Paris um primo de Eugénie chamado Carlos, revela-se na trama o tipo de interesse que passa a ser gerado por conta do suposto dinheiro possuído pelo pai Grandet. A aproximação de Carlos pela prima é de mero interesse material. A chegada do primo ao seio da família fez com que em Eugénie fosse despertado um sentimento diferente, motivado pelo bom gosto do rapaz e seu requinte, desagradando seu pai.

Juntamente com Carlos, o senhor Grandet recebe uma carta de seu irmão (antes que este cometa suicídio), relatando sua falência e pedindo ao irmão que cuide do seu filho. Entretanto, o pai de Eugénie não se encontra disposto a “cuidar” de seu sobrinho e o manda para as Índias. Carlos viaja e, ao passar de alguns anos, ele retorna com seu caráter transformado. Ele se transformou em um homem avarento, com o interesse de ser aceito pela sociedade e esquece as promessas de amor feitas à Eugénie, se casando com outra. Após tomar conhecimento, Eugénie se casa, mas em pouco tempo se torna viúva. Continua sua vida de modo mesquinho como seu pai a ensinou, sem usufruir dos benefícios de sua herança.

Por fim, *Ascensão e queda de César Birotteau* é um romance que faz parte do conjunto de *A comédia humana* escrita em 1837. Essa obra integra as “Cenas da vida parisiense” e retrata a escalada social de um homem (César Birotteau) e sua posterior derrocada. César Birotteau é um perfumista que consegue acumular uma grande fortuna com a intenção de conseguir prestígio e reconhecimento perante a alta sociedade.

Partindo do entendimento das obras citadas anteriormente, podemos analisar alguns pontos de discussão dos autores. No romance *Eugénie Grandet* se percebe a valorização do dinheiro a ser comparado com um “deus”, uma vez que o senhor Grandet economiza excessivamente e deixa sua família (esposa e filha) se alimentarem de modo racionado. Nessa narrativa, à primeira vista, se tem a impressão que Eugénie usufruirá da fortuna do pai assim que ele morrer, porém, ocorre o contrário: ela se torna um reflexo de seu pai acerca do dinheiro acumulado, ou seja, ela permanece com a mesma lógica do pai, racionando tudo sem ao menos querer melhorar sua aparência, que para a sociedade era considerada vulgar.

O caráter quase místico que estava por trás desse cenário através do papel desempenhado pelo dinheiro pode ser visualizado com maior profundidade nos *Manuscritos econômico-filosóficos* quando Marx mostra que o dinheiro surge como um poder disruptivo, que faz com que qualquer indivíduo que tenha contato direto com quantidades significativas do mesmo seja atraído pelos aparentes “benefícios” e se deixe envolver de maneira a corromper seu caráter e inverter seus valores morais e éticos. Isso foi bem exemplificado em *O 18 brumário de Luis Bonaparte* quando, antes de adentrar ao poder, Luis Bonaparte faz inúmeras promessas para a massa e, ao estar no poder, se torna egocêntrico.

O poder do dinheiro é demonstrado tanto em *Eugénie Grandet*, como em *Ascensão e queda de César Birotteau*, porém de maneira distinta. Em *Eugénie Grandet* o dinheiro aparece como agente que transforma o ser humano em uma pessoa avarenta e mesquinha, levando-a até mesmo ao esquecimento do valor de sua vida. Por exemplo, a Sr^a Grandet é apresentada como uma mulher magra, com ossos protudentes, descuidada, que ganha uma mínima mesada do marido para suas necessidades pessoais, mas que, no entanto, é restituído a ele através de empréstimos que ele faz a ela, ou seja, deixa com que ela apenas sinta o dinheiro e depois toma de volta pra si.

Esse modo de agir do Sr. Grandet ressalta muito bem o que Marx nos apresenta nos *Manuscritos econômico-filosóficos* sobre a postura do homem ao ser possuidor do dinheiro e conseguir transferir esse mesmo poder de ganância a outros. Porém, Marx nos apresenta ainda que esse pensamento segundo o qual o homem é supostamente possuidor do dinheiro é equivocado, uma vez que esse homem acaba se destruindo em prol do próprio dinheiro. Um exemplo clássico foi a morte de Raphaël de Valentin em *A pele de onagro*.

Esse papel do dinheiro na vida do ser humano, tal como de um sedutor, fez com que todos os personagens das obras analisadas de Balzac perdessem muito. Em *Eugénie Grandet* o Sr. Grandet acumulou muito e, em contrapartida, não usufruiu, nem deixou que sua herdeira usufruísse, pois o mesmo já a tinha influenciado para que reproduzisse suas próprias atitudes.

De outro modo, o dinheiro fez com que Eugénie não aproveitasse a oportunidade de viver um grande romance devido ao “medo” de seu pai em não concordar por conta da pessoa de seu interesse ser seu primo falido, um indivíduo que não era bem aceito por seu pai porque seria mais um fardo para carregar.

Nesse sentido o dinheiro adquire um posicionamento maléfico, pois Carlos, que poderia ter sido o amor de Eugénie, acabou por também reproduzir a postura do tio e buscou aliar-se com outra mulher que tinha nome e fortuna, fazendo com que ele obtivesse um futuro promissor com bastante capital acumulado.

Já no caso de *Ascensão e queda de César Birotteau* foi diferente; o dinheiro continuou com seu lado “negro” imperando, o que conduziu César Birotteau à ruína e à morte. No trecho dessa narrativa, César conseguiu acumular muito dinheiro, mas era um homem sem qualidades que se deixou envolver pela cobiça e ambição desmedida por prestígio que o dinheiro poderia comprar, gerando seu fracasso. O dinheiro transforma o indivíduo de maneira a deixá-lo desfigurado. E não somente nesse sentido, ou seja, ele modifica o seu caráter, o que é parte primordial para a relação do homem com a sociedade.

Marx, ao explicar sobre o fetiche da mercadoria em *O capital*, não trata somente do valor que a mercadoria tem agregado a si, mas também de que forma o indivíduo dá esse valor a ela. Pois quando o indivíduo toma para si determinada mercadoria, “comprando-a”, ele não está comprando só pela necessidade, muitas das vezes ele está aderindo porque outros estão, ou porque, ainda, a maioria tem.

Esse valor dado a mercadoria, ou melhor, o fetiche que está por trás dela, pode ser verificado em outra postura, por exemplo: o papel do “dinheiro” em *Eugénie Grandet* só fortalece a ideia de quem tem mais, pode mais e acaba esquecendo-se de si. Ou seja, a ferramenta dinheiro assume um destaque que perpassa para além do colocado em sua estrutura, isto é, o valor de troca, pois quando o mesmo surgiu, tinha um valor de uso, que era suprir as necessidades dos indivíduos, uma vez que os mesmos vendiam sua força de trabalho em prol de seu sustento.

Isso remete a nosso ponto de partida na análise das obras *Ascensão e queda de César Birotteau* e *Eugénie Grandet*, onde, na primeira, se tem um grande perfumista que busca acumular bens e alcançar prestígio, porém, nessa segunda situação, ele está impedido em função de uma série de barreiras. César Birotteau tinha muito dinheiro, e buscava cada vez mais; conseguia suprir suas necessidades e de sua família, mas só isso não lhe bastava. Ele buscava mais, queria o ideal de todo o homem bem sucedido financeiramente, ou seja, um

destaque pessoal, ambição que só o dinheiro tem capacidade de incutir nas mais humildes personalidades.

Da mesma forma ocorreu com o Sr. Grandet, que tinha muito dinheiro e tinha, de certo modo, um nome, mas que não o utilizava para galgar algum status. E, nesse sentido, transferiu esse mesmo modo de ser para sua filha, que desistiu de si para prosseguir, tal como o pai, aprisionada pelo dinheiro.

Existe uma distinção bem relevante nessas duas obras, pois enquanto César Birotteau almejava esse prestígio via a posse do dinheiro, o Sr. Grandet, dado o seu grau de apego ao próprio dinheiro e à sua lógica de reprodução, não almejava qualquer prestígio.

Traçando um paralelo com os *Manuscritos econômico-filosóficos*, quando Marx diz que: “... O dinheiro, em virtude da propriedade de tudo comprar, de se apropriar de todos os objetos, é, conseqüentemente, o objeto por excelência.” O misterioso que está no dinheiro leva o homem a pensar nessa virtude, passando a ser alienado e ter um posicionamento fechado, consistindo apenas a querer realizar os seus ideais.

Esse caráter fetichista de querer o poder como algo materializado e, ao mesmo tempo espiritualizado, levou tanto César Birotteau como o Sr. Grandet, de maneiras distintas, a expressarem o peso exercido pelo dinheiro na condução de suas vidas. No caso de César Birotteau essa busca incessante o levou a depositar seus bens acumulados num banco de terceiros, colocando a sua confiança e aquilo que ele tinha de mais “precioso” nas mãos de outros, com a finalidade de ser reconhecido através de prestígio, do valor dado a sua pessoa, como retorno desse depósito. O que, de fato, não ocorreu, pois, segundo o trecho da obra, César Birotteau perde seu dinheiro e ainda vai à corte, recebendo o seu último veredito.

É interessante ressaltar como as relações sociais entre as pessoas tinham, de fato, uma consistência que era estimulada por atores sociais que constituíam uma classe dominante, de onde provém o poder de atuação sobre o outro. À primeira vista, César Birotteau “conseguiria” almejar o seu ideal, “comprando” de certa forma os outros. Em contrapartida, ele enfrentaria grandes obstáculos, teria que se aliar à “cúpula” para adentrar no *grande monde*. Investimentos foram feitos, houve um grande desgaste de César Birotteau após depositar seu dinheiro e saber da fuga de um tabelião de Paris com a sua fortuna, o que decidiu a sua ruína.

A corte reiventa uma concordata que o leva a crer que a mesma não prejudicaria de nenhum modo os seus bens, dando como sentença uma operação que não se encontrava em nenhuma das falências escandalosas em que a sociedade parisiense estava diariamente sendo aflagada.

O espírito do capitalismo pode ser visualizado através do “dinheiro” quando o mesmo é elevado ao topo, sendo considerado primordial para a existência do indivíduo. Marx, por seu turno, nos revela em seus escritos que essa forma de pensar o dinheiro e, ao mesmo tempo, valorizá-lo, acaba por nos transformar em um tipo insignificante.

O espírito social que permeia a sociedade desde os primórdios é o que dita o modo como a sociedade vai caminhar, e isso implica numa série de situações que, se o indivíduo não souber lidar, acabará se envolvendo em problemas e situações que marcarão a sua vida toda e que ditarão o futuro dela.

Nesse capítulo buscou-se relatar as possibilidades que o dinheiro traz e leva a ter, tanto em pontos positivos, como em pontos negativos. Porque, para Balzac, o dinheiro, ao emergir com o capitalismo, abria possibilidades para poucos e a maioria ficava em desespero na busca incessante por ele, redundando em desigualdade, lutas e misérias.

Ao possuir o poder garantido pelo dinheiro, o indivíduo sente que “pode” tudo, mas se engana, pois como Marx apresenta nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, o dinheiro se representa como uma “[...] prostituta universal e/ou alcoviteira universal dos homens e do povo”. De acordo com Marx em *O capital*, ele próprio considera o dinheiro como uma forma de mercadoria que nivela radicalmente e faz desaparecer toda a qualidade entre as mercadorias. O dinheiro é uma coisa que pode estar presente nas mãos de qualquer um, independente de cor ou raça e até de classe.

Retornando ainda para as obras de Balzac mais anteriores, observou-se que o mesmo deu um grande destaque às representações do dinheiro em suas obras. Por exemplo: na obra *A pele de onagro*, se percebe essa representação na personagem Fedora, que é a encarnação da própria sociedade capitalista a envolver Raphaël de Valentim; Em *Ilusões perdidas*, essa representação é percebida pelos personagens que aparecem no trecho da obra como a Sr^a de Bargeton com a intenção de levar Lucien de Rubempré a querer alcançar seu objetivo de ser um jornalista renomado a qualquer custo; e em *Eugénie Grandet* e *Ascensão e queda de César Birotteau* as representações aparecem de maneira distintas, ou seja, na primeira, o valor dado ao dinheiro cria uma forma de hipnose que mecaniza Eugénie, levando-a a permanecer na mesmice da rotina avarenta de seu pai. E, no segundo, essa alienação fixada pelo dinheiro no personagem César Birotteau corroborou para a sua própria destruição.

Essa energia transferida pelo poder do dinheiro transcende a linha o ilusório ao materializar-se de alguma forma nas próprias relações sociais, poder esse que na maioria das vezes é acessível apenas aos indivíduos que estão em situação mais favorável e que têm algum tipo de relação que os legitimam.

Conclusão

Com essa pesquisa podemos, então, perceber que apesar de Marx se diferenciar em suas formas de desenvolver sua concepção acerca da sociedade moderna, foi possível verificar vários desses elementos tal como estampados na literatura de Balzac. A reflexão feita ao analisarmos alguns dos textos de ambos os autores podem ser assim resumidas: as formas de vida humana descritas em Balzac estavam atreladas ao fato de o dinheiro ter se convertido em uma forma de poder, onde o indivíduo se aliena e perde a sua dimensão ética, chegando a compactuar com forças desagregadoras (diabólicas), mesmo que tais alianças encaminhem os diferentes personagens a um fim de solidão e morte.

Em contrapartida, Marx, ao se deparar com as obras de Balzac, percebe a riqueza e pluralidade de idéias que poderiam ser tomadas como instrumentos para desenvolver uma crítica contundente da sociedade burguesa. Marx, em carta endereçada a Engels, confirma a valorização dada aos trabalhos de Balzac ao descrever como pode aprender com as obras do escritor francês mais sobre a história da França do que com as próprias obras dos historiadores.

Recapitulando a pesquisa, ao dividirmos os resultados parciais e finais em três capítulos, pudemos ter uma visão panorâmica das possibilidades de cruzar os elementos que estavam inseridos nos entrecchos das narrativas de Balzac que em muito influenciaram a Marx. Segundo Marx, não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas o inverso, o ser social que determina a consciência. Partindo desse princípio, podemos dizer que é a sociedade e suas forças que dão a direção ao homem.

A pesquisa teve uma árdua caminhada, foram retiradas várias obras do projeto devido ao período em que tínhamos para executá-la. Isso não se tornou um empecílio, mas um incentivo para dar continuidade a ela. Pois a cada capítulo construído iam surgindo inúmeras ideias a cerca de sua construção, o que nos possibilitou, assim como Marx em algumas de suas obras, deixar vieses que podem ser aprofundados posteriormente.

O que ficou patente foi a valorização por parte de Marx das obras de Balzac, seu modo de descrever e compreender o que estava por trás do cenário que se apresentava na França no século XIX e transfigurado em suas narrativas. Em função disso, a cada capítulo é perceptível essa visão dos autores salientada por alguns elementos que estavam inseridos em suas obras. Ao adetrarmos no segundo capítulo temos, mais uma vez, a constatação de que o dinheiro pode trazer poder e ruína. Quando se faz a análise de *O 18 brumário de Luis Bonaparte* em comparação com *Ilusões perdidas*, detectamos que a ascensão e permanência no poder de

Luis Bonaparte só foi viável devido a ajuda de forças sociais construídas a partir de relações armadas por meio do dinheiro.

Por fim, no último capítulo, percebemos que essas características exaltadas por Balzac e por Marx ficam evidentes nos livros *Eugénie Grandet* e *Ascensão e queda de César Birotteau* quando retrata o quanto a dependência do dinheiro destrói o homem, bem como nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de Marx que salienta o quanto o dinheiro é importante para a obtenção de tudo que necessitamos. Para ambos os autores as relações que temos com o dinheiro nos requer sempre algo em troca.

Balzac sempre ressalta em suas obras que a escolha pelo dinheiro é algo que leva à ruína do homem e Marx ressalta que a necessidade dessas relações é importante para processo capitalista que estava emergindo. Mais uma evidência do uso mais aprofundado do dinheiro por parte de Marx ao ser destacado da forma como foi por Balzac.

A pertinência das discussões que Balzac faz em suas obras é enaltecida por Marx quando o mesmo as desdobra em perspectivas mais aprofundadas. Com isso, a presente pesquisa se encerra, deixando fragmentos que podem ser utilizados posteriormente para desenvolver outras investigações, dando uma continuidade ao diálogo que Marx teve com Balzac na medida em que foram contemporâneos atrelados a tradições intelectuais distintas, o que não se constituiu em nenhuma forma de barreira para se estabelecer um diálogo crucial para as pretensões do próprio Marx.

É importante destacar também que os elementos das obras de Balzac não somente contribuíram para Marx, mas também para a formação da sociologia, posteriormente, que passou a escolher e fortalecer sua abordagem acerca dos fenômenos sociais.

Cronograma das obras de Balzac analisadas

Título	Divisão	Subdivisão	Ano
<i>A pele de onagro</i>		Estudos filosóficos	1831
<i>Ilusões perdidas</i>	Estudos de costumes	Cenas da vida provinciana	1843
<i>Ascensão e queda de César Birotteau</i>	Estudos de costume	Cenas da vida parisiense	1837
<i>Eugénie Grandet</i>	Estudos de costume	Cenas da vida provinciana	1833
<i>O coronel Chabert</i>	Estudos de costume	Cenas da vida privada	1832

Cronograma das obras de Marx analisadas

Título	Ano de publicação	Obs.
<i>Manuscritos econômicos e filosóficos</i>	1844	
<i>A ideologia alemã</i>	1845/1846	
<i>Manifesto do partido comunista</i>	1847/1848	
<i>O 18 brumário de Luis Bonaparte</i>	1851/1852	
O volume I de <i>O capital</i>	1862	

Referência Bibliográfica

AUERBACH, Erich. “Na Mansão La Mole” & “Dulcinea encantada”. In: **Mimesis**; a representação da realidade na literatura ocidental. 4ª. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001, p. 299-320/p. 405-441.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**; a teoria do romance. Trad. Aurora Bernardini e outros. 5ª ed. São Paulo: Ed. Hucitec/Annblume, 2002.

BALZAC, Honoré de. “Prefácio à comédia humana”. In: **Estudos de mulher**. Trad. Llana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2006.

_____. **A pele de onagro**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre, RS. Ed. L&PM, 2008.

_____. **Ilusões perdidas**. Trad. Ernesto Pelanda & Mário Quintana. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978.

_____. **O Coronel Chabert**. Trad. Paulo Neves & Rubem Mauro Machado. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. **Ascensão e queda de César Birotteau**. Trad. Herculano Villas-Boas. Porto Alegre: L&PM, 2009.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**; a aventura da modernidade. Trad. Carlos Moisés e Ana Maria Loriatti. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

FONTIUS, Martin. “Literatura e história: desenvolvimento das forças produtivas e autonomia da arte (sobre a substituição de premissas estamentais na teoria da literatura). In: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2002, p. 97-197.

GIANOTTI, José Arthur. **Marx: além do marxismo**. 2ª ed. Porto Alegre, RS: Ed. L & PM, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Trad. Luiz Sérgio Repa & Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e literatura**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Edusp, 1996.

LIMA, Luis Costa. “A análise sociológica da literatura”. In: **Teoria da literatura em suas fontes**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 2002. p. 661-b 687.

LUKÁCS, Georg. **Arte e sociedade**; escritos estéticos. Trad. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Neto. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009. p. 193 - 243.

_____. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. Trad. Marcus Vinicius Mazzare. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, 12 (34), 1995. (p. 17-43).

MARX, Karl. **Manuscritos-econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Sobre literatura e arte**. Trad. Olinto Beckerman. São Paulo: Global Editora, 1979.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. Trad. Rubens Enderle & Francisco Fontanela. São Paulo: Boitempo, 2006.

NISBET, Robert. A sociologia como forma de arte. **Plural**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, 1º semestre/2000, p. 111-130.

RINGER, Fritz. **O declínio dos mandarins alemães**; a comunidade acadêmica alemã (1890-1933). Trad. Dinah Azevedo. São Paulo: Edusp, 2000.

SAMUELS, Maurice. Metaphors of modernity: prostitutes, bankers, and other jews in Balzac's *Splendeurs et misères des courtisanes*. **Romantic Review**. Columbia University. v. 92, number 2, march/2006, p. 169-84.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**; estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

WEBER, Max. "A objetividade do conhecimento das ciências sociais". In: COHN, Gabriel (org.). **Max Weber**. Trad. Amélia Cohn e Gabriel Cohn. 3ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1986, p. 79-127.

TAILLANDIER, François. **A biografia de Balzac**. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre, RS. Ed. L&PM. 2006.

Cronograma de Atividades

Descrição	Ago. 2010	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2011	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
- Leitura e compreensão da abordagem sociológicas nos textos de Karl Marx	R	R	R	R	R	P/R						
- Apreensão do modelo teórico de análise de obras literárias		R	R	R	R	R	R	R	R			
- Leitura e análise das obras de Balzac selecionadas para investigação			R	R	R	R	R	R	R			
- Apresentação Oral parcial				R								
- Relatório parcial						R						
- Reunião para orientação	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	
- Elaboração do resumo e Relatório Final											R	
- Preparação da Apresentação Final para o Congresso												P

Legenda:

- R = Realizado
- P/R = Parcialmente realizado
- P = previsto